

IDEIAS PARA UM PORTUGAL DEMOGRAFICAMENTE MAIS EQUILIBRADO

Maria do Céu Soares Machado

Directora Clínica e Directora do Departamento de Pediatria do CHLN; Membro da Comissão para a Natalidade

Acta Pediatr Port 2014;45:77-78

Charles Darwin (*The Origin of Species by means of Nature Selection*, 1859) revolucionou a compreensão do mundo animal, com base na selecção natural, argumentando que a natalidade é um mecanismo de controlo que regula o equilíbrio entre novos organismos e a sobrevivência adequada aos recursos disponíveis. O ser humano, tal como todas as espécies, integra este processo evolutivo enquanto necessidade adaptativa dos organismos ao ambiente e a baixa natalidade poderia ser interpretada como uma forma de adaptação às reservas de água e alimentos.

O que Darwin não vaticinou foi que os progressos da medicina, as novas tecnologias e a melhoria das condições socioeconómicas tivessem como consequência uma queda da mortalidade em todas as idades e um progressivo aumento da esperança de vida, com um saldo negativo entre jovens e idosos.

As notícias da queda da natalidade, comparando-a com a mortalidade (...*nascem muito menos do que morrem*...), são verdadeiras e preocupantes, mas têm de ser analisadas com algum rigor científico.

No princípio do século XX, morria no mundo uma criança em cada quatro, abaixo dos 5 anos. Em Portugal, em 1960, morriam 77 em cada 1000 no primeiro ano de vida e a taxa de mortalidade infantil de 2,95 em 2013, significa que a baixa da natalidade não se acompanha de uma diminuição tão radical de crianças (dos 0 aos 18 anos), pois sobrevivem muito mais¹.

A queda não foi tão abrupta como é anunciada pois, desde os anos 90, que a estabilidade nos cem mil nascimentos por ano era sustentada pelas famílias imigrantes mas a forte desaceleração na última década (de 50 mil novos imigrantes em 2000 para oito mil em 2008) veio agravar a baixa natalidade. Em 2011, os países europeus tinham, em média, 7% de população estrangeira e Portugal, apenas 4%.

Por outro lado, a sociedade atravessa um período de instabilidade económica e financeira com o emprego dos jovens licenciados como uma das áreas mais afectadas, o que condicionou também a emigração, com 65 000 licenciados entre os 24 e os 35 anos, a sair de Portugal de Junho de 2012 a Junho de 2013.

Seja como for, há menos nascimentos e mais filhos únicos, mas este estreitamento de gerações começou já na geração anterior e é consequência de múltiplos

factores individuais, sociais e económicos. De salientar, os maiores níveis de educação e de participação das mulheres no mercado de trabalho, com implicações na conciliação dos tempos de família, de trabalho e como consequência, o adiamento da idade de parentalidade e ainda o aumento da infertilidade, condicionada também pela obesidade, tabagismo e consumo de álcool.

As portuguesas são também as que mais trabalham em *full-time*. Em 2008, apenas 17% se encontravam na situação de trabalho a tempo parcial, enquanto a média para a União Europeia é de 31%, havendo alguns países onde a expressão dessa situação ultrapassa os 40%, como a Holanda, a Alemanha, o Reino Unido ou a Suécia.

Mas quando se estuda o *familialismo*² em Portugal não é diferente de outros países europeus, com apenas 3,7% dos jovens, entre os 18 e os 34 anos, a assumir não querer ter filhos (para uma média europeia de 5,5%) e a atribuir grande valor à família e aos filhos.

Em inquérito a 3585 estudantes universitários³, quando se pergunta quais os factores muito importantes na probabilidade de ter filhos, o sexo feminino valoriza a estabilidade no casamento e a segurança financeira para proporcionar bons cuidados de saúde, enquanto o sexo masculino refere a parceira ter vontade de ter filhos. Mais uma vez a afirmação feminina!

A partilha de tarefas é já uma realidade, mas com percepções diferentes. No estudo *The Changing Face of Motherhood*⁴, em 10000 jovens mães de 13 países europeus (509 portuguesas), 66% acham que a crise económica altera o seu projecto de ter filhos, mas 52% reforça o papel actual do pai no cuidar partilhado dos filhos, embora para os pais o tempo dispendido nestas tarefas seja percebido como 3 a 4 vezes superior ao real. A Comissão para a Natalidade, nomeada este ano, tem promovido seminários com autarquias, empresas, jovens casais, fiscalistas, profissionais da educação e saúde e propõe-se elaborar um documento que inclua políticas concertadas envolvendo licenças parentais alargadas, estabilidade e flexibilidade no emprego, creches gratuitas com horários alargados, flexibilidade de trabalho, possibilidade de trabalhar em casa e criação de bolsas de horas para mãe e pai. E ainda regulação dos escalões de IRS, IMI e ISV, electricidade e água, conforme o número de filhos. Algumas destas propostas

não são novas, mas nunca se conseguiram consensos pelo que consideramos que devem ser geradoras de compromissos.

Sem demagogias, o desequilíbrio entre gerações com aumento da verticalidade das famílias (bisavó-bisneto) tem consequências que me recuso a discutir apenas sob o ponto de vista da sustentabilidade e das pensões de reforma. A acreditar nas projecções do INE, teremos uma sociedade cada vez mais triste e, mais virada para si do que para as crianças e para o futuro.

O estudo SHARE⁵, que segue 28 000 *idosos jovens* (mais de 50 anos) em 11 países europeus, identificou no 1º relatório dois factores que contribuem para uma maior longevidade, com qualidade e menos doença crónica, um dos quais é a ocupação regular do tempo com crianças.

E o pediatra tem um papel nesta temática? Tem uma grande responsabilidade de advocacia a vários níveis.

Promover a família, os irmãos, ensinar às crianças e aos adolescentes o gosto pelas crianças. Não culpabilizar as famílias, aumentado a insegurança dos jovens pais (...)

não devia ter vindo à urgência... ou ... devia ter vindo mais cedo...). Ser o motor da mudança da educação para a saúde nas escolas (que inclui a sexualidade), para que deixe de ser pela negativa (como não engravidar, como não correr o risco de DST). Explicar o significado de ser pai ou mãe que não se reduz a mais sacrifício, preocupações e stress, mas dá mais significado à vida, mais razão para a nossa existência, para o nosso património e não falo apenas em imóveis ou riquezas materiais, mas também das convicções, das certezas, das vivências, do que nos ensinaram os nossos avós e que não pode, não deve morrer em nós.

O nascimento de um filho é um momento mágico que se repete sempre e cada vez. Porque os filhos crescem e seguem a sua vida, mas voltam para pedir conselhos, deixar os filhos ou apenas almoçar, mas é como se os víssemos nascer outra vez.

CORRESPONDÊNCIA

Maria do Céu Soares Machado
ceu.machado@chln.min-saude.pt

REFERÊNCIAS

1. Machado MC, Alves MI, Couceiro L. Saúde Infantil e Juvenil em Portugal: indicadores do Plano Nacional de Saúde. *Acta Paediatr Port* 2011;42:195-204.
2. Torres A, Coelho B, Cabrita C. Bridge over trouble waters: family, gender and welfare in Portugal in the european context. *Eur Societies* 2013;15:4.
3. Maria do Céu Machado, Isabel Alves, Luisa Couceiro, Francisco Goiana, Miguel Almeida, Isa Alves. Planear a família: estudo em 3585 universitários portugueses (aceite para publicação, *Acta Médica Portuguesa* 2014).

4. The changing Face of Motherhood. The Social Issues Research Centre 2011 – Comissioned by Procter and Gamble. <http://www.sirc.org/publik/CFOM.pdf>. Acesso em Maio de 2014.

5. Börsch-Supan A, Brügiavini A, Jürges H, Kapteyn A, Mackenbach J, Siegrist J et al. *Health, Ageing and Retirement in Europe (2004-2007). Starting the Longitudinal Dimension*. 1st ed. Mannheim: Mannheim Research Institute for the Economics of Aging (MEA); 2008.